

# Trabalho remoto influencia arquitetura das casas e escritórios

Tendência Casas maiores, com varandas e mais luz solar e escritórios com mais espaço para cada empregado. Estas serão algumas das exigências do pós-covid



A Vanguard Properties incluiu no projeto Infinity, em construção na zona de Sete Rios em Lisboa, um espaço de coworking  
FOTO D.R.

TEXTOS ANA BAPTISTA

Antes da pandemia de covid-19, o trabalho remoto não era mais do que uma ideia residual ou o desejo de alguns. Segundo dados do Eurostat de 2019, citados pelo estudo Lar, Doce Escritório, da SHL Portugal, por essa altura, apenas 6,5% dos colaboradores por conta de outrem trabalhavam de forma remota e não necessariamente a partir de casa. Depois, em março de 2020, quando foi decretado o primeiro estado de emergência e o confinamento geral, o trabalho remoto disparou para 94%, segundo o mesmo estudo, e, desta vez, era mesmo feito a partir de casa. Contudo, a expectativa

era de que a pandemia ia passar rapidamente e que os trabalhadores voltariam aos seus escritórios. Não foi assim.

Quase um ano depois, continuamos em estado de emergência, confinados e a trabalhar em casa e com uma forte indicação, baseada em estudos recentes de várias consultoras, de que o trabalho remoto vai continuar no pós-pandemia, mas num “modelo híbrido ou misto”. Ou seja, “estar uns dias em casa e outros no escritório”, adianta Susan Almeida Lopes, sócia-gerente da SHL Portugal.

Esta nova realidade, além das consequências que já está a ter e terá nas pessoas e empresas (ver Números), terá também impactos significativos no imobiliário, em particular nos escritórios e nas habitações, que terão “uma utilização mais intensa”, repara Bruno Lobo. De acordo com o sócio-gerente do gabinete de arquitetura S+A (Saraiva e Associados), com a persistência do trabalho remoto em 2020, “houve uma valorização da dimensão da casa, uma necessidade de inclusão de espaços para trabalhar e também de espaços exteriores privados, como uma varanda ou terraço”. Houve ainda uma valorização da exposição solar, de boas ligações à internet, de melhor eficiência energética e isolamento acústico e térmico, adianta o estudo da SHL Portugal, que foi apresentado esta quinta-feira numa conferência digital organizada pelo Expresso e pela Vanguard Properties.

Segundo Bruno Lobo, os empreendimentos futuros devem ter em conta estas alterações nas preferências e incluir “mais tipologias de maior dimensão; espaços para trabalhar ou áreas sociais com capacidade para se adaptarem a diferentes usos durante o dia; varandas ou espaços exteriores comuns”, como um jardim ou um terraço na cobertura do edifício.

### Reflexo nos escritórios

A Vanguard Properties é um exemplo de uma promotora imobiliária que já teve de se adaptar à nova realidade, apesar de “já incorporar muitas destas características nas casas” que faz, conta Benedita César Machado, diretora de vendas, estratégia e novos negócios da empresa. “Por exemplo, o projeto Infinity, em Lisboa, já inclui um espaço de coworking, mas no Foz do Tejo, em Oeiras, não tínhamos previsto um espaço de escritório e, com a pandemia, incluímos um espaço de coworking e um espaço para receber as encomendas online, outra modalidade que cresceu bastante e vai continuar a crescer e nem sempre estamos em casa para as receber”, acrescenta.

Um modelo de trabalho remoto híbrido também terá impacto nos edifícios de escritórios que, ao contrário das casas, passará a ter uma utilização menos intensa. Assim, e de acordo com estudo da SHL Portugal, terá de haver uma área maior para cada trabalhador, espaços mais flexíveis, com mais luz solar e mais cor, áreas para convívio ou refeições e uma maior separação entre espaços de trabalho e espaços colaborativos.

Além disso, lê-se no mesmo documento, poderá haver uma tendência de descentralização, ou seja, os edifícios de escritórios não serão no centro das cidades, mas nas periferias, próximo das casas. Isto porque, as pessoas passaram a viver mais o bairro ou a zona onde moram, redescobrando o comércio local e os espaços verdes da sua área de residência.

É o regresso do “conceito de vida de bairro e de cidade a cinco minutos, um conceito que se perdeu”, repara Benedita César Machado.

De facto, diz Bruno Lobo, a pandemia, o confinamento e o trabalho remoto deverão ainda alterar o conceito de cidade e de urbanismo, sendo expectável, entre outros, mais redes pedonais e ciclovias, e uma dinamização do comércio local e dos próprios bairros. Pode ainda “levar a uma melhor distribuição da população pelo país, contrariando a desertificação no interior”, pode ler-se no estudo.

### Regulamentar o trabalho remoto

Para adotar o trabalho remoto em larga escala no pós-covid não basta mandar os trabalhadores para casa como aconteceu em março de 2020, vão ser precisas regras específicas.

“Na regulamentação atual, o conceito de teletrabalho parte de três características: ser regular ou permanente, recorrer a tecnologias de informação e ser qualquer trabalho fora da empresa e não necessariamente em casa”, conta Tiago Piló, advogado da sociedade Vieira de Almeida. Mas no pós-pandemia, e assumindo um modelo misto de trabalho remoto, isso “exigirá uma regulamentação específica”, que inclua novas questões que se colocam em trabalho remoto.

É o caso do “direito a desligar”, ou seja, o colaborador poder dizer que a partir de determinada hora já não está a trabalhar. Ou da necessidade de o empregado ter um posto de trabalho adequado e ergonómico ou ainda o facto de o trabalho remoto “não ser só para o trabalhador por conta de outrem, mas também para o prestador de serviços ou para o trabalhador de plataformas digitais”, explica Tiago Piló.

Estas questões juntam-se a outras que foram resolvidas, entretanto, como a empresa ter de pagar o subsídio de refeição, manter os limites do período de trabalho, providenciar segurança e saúde no trabalho e apoio em casa de acidente de trabalho. E ainda o facto de não ser preciso o acordo do empregado para estar em regime de trabalho remoto, ou seja, pode ser imposto pela empresa de forma unilateral.  
economia@expresso.impresa.pt

### NÚMEROS

1341

trabalhadores foram entrevistados para o estudo Lar, Doce Escritório, desenvolvido pela SHL Portugal, realizado em outubro de 2020; foram também inquiridas 124 empresas

92%

dos inquiridos consideram que o trabalho remoto vai continuar no pós-pandemia, mas em moldes diferentes, o modelo misto é que reúne mais consenso: 74%

98%

dos entrevistados consideram que o trabalho remoto tem mais vantagens, como a redução

de custos ou o aumento do tempo para estar com a família; contudo, também há desvantagens, 93% dizem que trabalham mais em casa

1

mês é o período, em média, que se pode ganhar por não fazer o percurso casa-trabalho-casa todos os dias, ou seja, há mais tempo para trabalhar, o que torna o trabalho remoto mais produtivo, mas há também mais tempo para a família

80%

das empresas inquiridas dizem que o trabalho remoto lhes permitiu poupar nas rendas, estacionamento, viagens, luz, água, refeitório, limpezas, gasóleo ou manutenção de frotas

Expresso

LAR, DOCE ESCRITÓRIO O Expresso e a Vanguard Properties juntaram-se para apresentar o estudo Lar, Doce Escritório, Trabalho Remoto: Transitório ou Nova Realidade? Um trabalho desenvolvido pela SHL Portugal que analisa esta nova forma de trabalhar e os seus impactos no imobiliário.